

## DISTINTOS TRATAMENTOS LEXICAIS E TEXTUAIS DOS PLANTÉIS PELO VIRGÍLIO DE *GEÓRGICAS* III E POR VARRÃO (*DE RE RUSTICA* II)\*

Matheus Trevizam

(Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais)

[matheustrevizam2000@yahoo.com.br](mailto:matheustrevizam2000@yahoo.com.br)

### RESUMO

Neste trabalho, temos o objetivo de estabelecer distinções entre o tratamento linguístico e textual do tema dos animais rústicos por Varrão, em seu *De re rustica* (livro II), e por Virgílio, no livro III das *Geórgicas*. Embora, em princípio, esses dois autores se vejam “obrigados” a empregar palavras em relação com o universo técnico de que falam, neste caso a criação de bovinos e de equinos, por exemplo, a leitura comparativa de certas passagens em ligação temática mútua basta para mostrar-nos que Virgílio foi, às vezes, muito menos exato em suas opções que Varrão; ao mesmo tempo, aquele empregou, com bastante frequência, expressões carregadas de sentidos no contexto *poético* das *Geórgicas*, livro em que há grande indefinição de limites entre a humanidade e a animalidade. Além disso, as descrições dos corpos dos animais parecem, em Virgílio, menos precisas e mais expressivas, poeticamente, que as de Varrão.

**Palavras-chave:** língua técnica; poesia; Varrão; Virgílio; expressão poética; descrição.

### ABSTRACT

This work aims to establish distinctions between the linguistic and the textual treatment of the theme rustic animals in Varro's *De re rustica* (book II), and in Virgil's *Georgics* book III. While both authors may have an idea they are “obligated” to employ words related to the technical universe they are referring to, bull and horse raising in this case, a comparative reading of certain parts, in a mutual thematic relationship, is suffice to show that Virgil was, sometimes, much less precise in his options than Varro. At the same time, Virgil frequently used meaningful expressions in the *poetic* context of *Georgics*, where a considerable indefinition of limits between humanity and animality can be found. In addition, Virgil's descriptions of animal bodies seem less precise and more expressive, from a poetic point of view, than those of Varro.

**Keywords:** technical language; poetry; Varro; Virgil; poetic expression; description.

\*: Meus agradecimentos a Roque João Tumolo Neto pelas correções em aspectos de língua estrangeira moderna.

## I. ASPECTOS DO LATIM TÉCNICO DE AGRICULTURA E SUA MANIFESTAÇÃO EM ALGUMAS OBRAS ANTIGAS

As necessidades práticas dos usuários dos idiomas, sem dúvida, acarretam diferenciações entre “variedades” linguísticas que se vinculam, por exemplo, ao âmbito dos distintos afazeres humanos: assim é que se constituem os jargões dos médicos, dos linguistas e dos agricultores... A observação deste fenômeno na língua latina clássica, através da leitura dos textos da chamada “literatura técnica” ou “didática”,<sup>1</sup> oferece-nos elementos para notarmos a “divisão” do latim entre diferentes estratos relacionados a algumas peculiares atividades sociais dos antigos, como a medicina, a retórica e, no caso de nosso presente interesse, a agropecuária.

Toda uma gama<sup>2</sup> de obras filológicas dedicadas, ao menos em parte, ao exame desta questão revela-nos que o refinado desenvolvimento dos saberes dos antigos em vários ramos da atividade humana acabou evidentemente por refletir-se não só na feitura de acurados textos sobre as técnicas, mas, ainda, em mais de um nível estruturador da linguagem com que se compõem. Cesidio de Meo, assim, em *Lingue techniche del latino*, destinou um capítulo inteiro à elucidação dos traços distintivos da “língua da agricultura” do restante do idioma em pauta, apontando-nos que, sobretudo, o *léxico* distingue cada linguajar técnico em suas especificidades. Dessa maneira, observa o estudioso, os contatos culturais, desde cedo,<sup>3</sup> entre Roma e a civilização grega resultaram, no tocante ao vocabulário agrícola, inclusive na incorporação de abundante material helênico<sup>4</sup> a páginas de obras latinas como o *De agri cultura*, de Catão Censor (inícios do séc. II a.C.), e o *De re rustica*, de Marco Terêncio Varrão (séc. I a.C.), decerto por motivos em nexa com o desejo dos autores citados de exprimir-se com rigor, empregando palavras já utilizadas, amiúde, por antecessores estrangeiros.

<sup>1</sup> Sobre a literatura técnica ou didática romana, cf. as obras Fögen, T. (edited by). *Antike Fachtexte. Ancient technical texts*. Berlin/ New York: Walter de Gruyter, 2005/ Volk, K. *The poetics of Latin didactic: Lucretius, Vergil, Ovid, Manilius*. New York: Oxford University Press, 2002/ Toohey, P. *Epic lessons: an introduction to ancient didactic poetry*. London/ New York: Routledge, 2010.

<sup>2</sup> Cf., inclusive sobre a *língua agrícola* romana, as obras Brachet, J.-P.; Moussy, C. (org.). *Latin et langues techniques*. Paris: PUPS, 2006/ de Meo, C. *Lingue techniche del latino*. Bologna: Pàtron, 1986./ Agricola, lessico. In: Della Corte, F. (org.). *Enciclopedia virgiliana*. Roma: Istituto dell'Enciclopedia Italiana, 1984. Vol. I, p. 59-66.

<sup>3</sup> Cf. Giordani, 1968, p. 39: *A terceira guerra samnita se estende de 298 a 291 A.C. Na batalha de “Sentinum” (295 A.C.), os romanos derrotaram, segundo a tradição, um exército de gauleses, samnitas, úmbrios e etruscos. (...) A vitória sobre os samnitas levou o território romano aos confins da Magna Grécia, fato esse que inquietou Tarento, a metrópole do sul, cuja diplomacia tentara, em vão, conter a marcha lenta, mas segura, dos romanos, aliciando contra os mesmos alianças entre os povos itálicos.*

Nomes “catonianos” de plantas como *platanus* (“plátano”), *asparagus* (“asparago”), *anesum* (“erva-doce”) e *coriandrum* (“coentro”), bem como os termos de oleicultura *amurca* (“borra”, resíduo líquido da fabricação do azeite de oliva), *trapetus* (“mó de lagar”) e *trutina* (“balança”, não só para azeitonas, contudo) correspondem a alguns dos pontos em que o léxico deste autor romano incorpora patrimônio grego.<sup>5</sup> Em Varrão, por sua vez, *apica* [“(ovelha) de ventre sem pelo”] e também *cytisis* (“codesso”) exemplificam a presença de todo um legado vocabular de idênticas raízes.<sup>6</sup>

Por outro lado, não é só no nível da “importação” de muitos (e precisos) vocábulos helênicos que os textos latinos em que é focalizada esta específica “profissão” humana parecem revestir-se de especificidades linguísticas. O mesmo de Meo, então, aponta na produtiva derivação sufixal ligada a certos elementos morfológicos *plenos de sentido* mais um traço da linguagem técnica romana em nexa com a lida camponesa:

São particularmente difundidas na língua agrícola as formações com o elemento sufixal *-c-*, simples ou expandido: sobretudo, aquelas em *-ex*, que abrangem nomes de animais, de plantas, de objetos variados, *mas predominantemente com características de pequenez ou de ínfimo valor* (grifo nosso): *cimex*, *culex*, *pulex*, *laurex* (“coelho de leite”: termo de origem ibérica, de acordo com Plín. *nat.* 8, 81, que lhe dá o único testemunho, *laurices*); *apex* (“ponta, extremidade”, também de plantas: *grani apex*, Varro, *rust.* 1, 48, 1; “estame” da rosa em Plín. *nat.* 21, 14); *carex* (erva palustre das ciperáceas, *acuta et durissima, sparto similis*, Serv. *ad Verg. ecl.* 3, 20. Junto com o feto *filex* / *-ix* – aconselha Columela 11, 2, 62 –, é extirpada no mês de agosto, mas ainda melhor no meio de julho, antes que surja a Canícula); *cortex* [*obducuntur... libro aut cortice trunci*, Cic. *nat. deor.* 2, 120. Em Catão, além de *c. tritici*, que é retirado para o preparo da torta de farinha, *agr.* 86, figura *cortex*, com o sentido de “tampa de cortiça”, que se deve impregnar com piche para selar a ânfora de mosto, *agr.* 120 (...)].<sup>7</sup>

<sup>4</sup> Cf. de Meo, 1986, p. 50-54/ cf. também, especificamente sobre a influência grega no *De agri cultura* catoniano, a obra Boscherini, S. *Lingua e scienza greca nel “De agri cultura” di Catone*. Roma: Edizioni dell’Ateneo, 1970.

<sup>5</sup> Cf. de Meo, 1986, p. 50-51.

<sup>6</sup> Cf. de Meo, 1986, p. 53.

<sup>7</sup> Cf. de Meo, 1986, p. 39: *Particolarmente diffuse nella lingua agricola le formazioni con l’elemento suffissale -c-, semplice o ampliato: innanzitutto quelle in -ex, che abbracciano nomi di animali, di piante, di oggetti vari, ma prevalentemente con caratteristiche di piccolezza o di scarso pregio: “cimex”, “culex”, “pulex”, “laurex” (“coniglio da latte”: termine di origine iberica, a detta di Plin. “nat”. 8, 81 che ne dà l’unica attestazione “laurices”); “apex” (“punta, sommità”, anche di piante: “grani apex”, Varro “rust”. 1, 48, 1; “stame” della rosa in Plin. “nat”. 21, 14); “carex” (erba palustre delle ciperacee, “acuta et durissima, sparto similis”, Serv. “ad” Verg. “ecl”. 3, 20. Insieme con la felce “filex” / -ix – ammonisce Columella 11, 2, 62 – va estirpata nel mese di agosto, ma ancor meglio a metà luglio, prima che sorga la Canicola); “cortex” (“obducuntur... libro aut cortice trunci”, Cic. “nat. deor”. 2, 120. In Catone, oltre a “c. tritici” che va scorticato per preparare la farinata, “agr”. 86, figura “cortex” nel senso di “tappo di sughero”, da impiaciare per chiudere l’anfora col mosto, “agr”. 120). (tradução nossa)*

Embora muitos outros sufixos sejam por ele apontados em semelhante inserção e funcionamento na literatura latina da agropecuária, preferimos agora focalizar algo da sintaxe e da variada *riqueza* do léxico tipicamente agrícola em obras como o *De agri cultura* de Catão e o *De re rustica* varroniano. Ora, depois de analisar um pequeno trecho de Catão (*De agri cultura* V, 1 *et seq.*), em que nota o frequente recurso à parataxe – característica associável, em seu entender, a toda a prosa preceptística – e o emprego de um adjetivo neutro com função de “substantivo em sentido indeterminado” (*alieno* – “o alheio, o de outrem”), efeito de possível extensão para o linguajar dos marinheiros romanos,<sup>8</sup> de Meo ainda faz referência ao traço da amiudada omissão dos sujeitos, mesmo quando mudam, em frases sintaticamente unidas. Sobre esse derradeiro traço, o filólogo italiano explica tratar-se de uma característica que não se deve associar, apenas, ao latim técnico *de agricultura*, pois seu emprego também se estende para o corpo de obras atinentes a outros saberes especializados;<sup>9</sup> além disso, a exemplificação prática oferecida na passagem cobre, respectivamente, as obras agrárias de Catão e Varrão [*uilicus si nolet male facere, non faciet* – “se o capataz não quiser que (a turma de escravos) aja mal, não agirá”/ II, 1, 4: *sic ex animalibus, cum propter eandem utilitatem, quae possent, siluestria deprehenderent ac concluderent et masuescerent* – “assim como, pela mesma utilidade, capturando e prendendo os animais selvagens que podiam, e (eles/ os animais selvagens) se amansando”].<sup>10</sup>

Quanto à vertiginosa extensão e detalhamento de muito do vocabulário agrícola romano, conforme descrito por de Meo, mais uma vez se trata de um traço relacionado aos intentos de precisão de certos autores que se propuseram a descrever as práticas da lida campesina na Antiguidade.<sup>11</sup> Destacamos, neste ponto, o sub-tópico dos nomes de ferramentas rústicas em latim, cuja

<sup>8</sup> Cf. de Meo, 1986, p. 35: *Nel “Mercator” plautino (v. 891), all’angosciato Carino (“quid si mi animus fluctuat?”) Eutico risponde: “ego istum in tranquillo quieto tuto sistam”.*

<sup>9</sup> Cf. de Meo, 1986, p. 36.

<sup>10</sup> Cf. de Meo, 1986, p. 36.

<sup>11</sup> Cf. de Meo, 1986, p. 58: *Né in questi casi bisogna pensare che il gran numero di termini per una stessa nozione vada ascritto a difficoltà o lentezza nel processo di unificazione: è determinante, in linea di massima, l’esigenza di precisione, il bisogno di dare di volta in volta rilievo all’aspetto, alla condizione, alla funzione dell’oggetto, o di colorirlo espressivamente (così almeno in origine) attraverso il traslato: di “custos”, “nepos”, “spado” s’è detto; “duramen” ricorda la durezza del ramo vecchio, “eiuncidus” è proprio del tralcio che spunta fuori a forma di “giunco” (cfr. “eiuncesco”, della vite che si assottiglia come un giunco fino a morire, Plin. “nat”. 17, 182), “focaneus” di quello nato tra due bracci della vite (come in una gola: “faux; cfr. p. 44), “lorum” è il tralcio di vite che s’allunga, “malleolus” il tralcio pendulo (da “malleus” “martello”, per la forma), “tradux” quello teso da un albero all’altro (anche “rumpus”, di origine oscura: cfr. Varro, “rust”. 1, 8, 4).*

complexidade, em mais de uma ocorrência,<sup>12</sup> pareceu patente para aqueles confrontados com a necessidade de rigorosa compreensão de obras como o *De agri cultura* catoniano:

É significativa a variedade de enxadas e ancinhos, muitos já presentes em Catão: *ferrea* (*h*)*irpex* (cf. p. 33), *ligo*, *pala*, *bipalium* (que com Paládio será substituído por *vanga*, de origem germânica e destinado a predominar nas línguas românicas), *raster* (depois *rastellus*), *rutrum*, *sarculum*; e ainda *bidens*, *marra*, *pastinum* etc. Os exemplos poderiam multiplicar-se para os diversos tipos de terreno, de instrumentos, de plantas e de frutos.<sup>13</sup>

É preciso acrescentar que o frequente detalhamento das obras técnicas latinas também se manifesta em um nível que diríamos não mais linguístico, mas, propriamente *textual*. Conforme observamos alhures, salta aos olhos, no cotejo entre obras de tematização agrária predominantemente técnica e outras, em que os conteúdos das práticas rurais se incorporam à tessitura sem verdadeiras funções elucidativas do público, que textos mais “comprometidos” com o ensinamento, como o *De re rustica* varroniano, não privam o leitor de acuradas descrições, a exemplo daquelas dos corpos dos animais considerados mais saudáveis<sup>14</sup> ou de melhor qualidade reprodutiva. Em contrapartida, obras cuja focalização da lida agrária é, por assim dizer, deslocada do centro das contextuais preocupações dos autores – como é o caso notório do *Cato Maior* ciceroniano – podem favorecer o contato do público com funciona-

<sup>12</sup> Cf. Thomas, 2006, p. 61: *Le travail de S. Andrei (1981: 41-58) permet de retenir un corpus de 67 termes: avec beaucoup de précision, l'auteur indique sur chacun l'étymologie, la période d'apparition et la ou les choses qu'il dénomme. Or, à considérer dans certains cas la diversité des objets désignés, se pose la question de savoir si elle correspond à un ou plusieurs sens.*

<sup>13</sup> Cf. de Meo, 1986, p. 57-58: *Significativa la varietà di zappe e rastrelli, molti già presenti in Catone: "ferrea", ("h)irpex" (cfr. p. 33), "ligo", "pala", "bipalium" (che con Palladio sarà sostituito da "vanga" di origine germanica e destinato a prevalere nelle lingue romanze), "raster" (quindi "rastellus)", "rutrum", "sarculum"; e poi ancora "bidens", "marra", "pastinum" ecc. Gli esempi potrebbero moltiplicarsi, per i diversi tipi di terreno, di strumenti, di piante e di frutti (tradução nossa).*

<sup>14</sup> Cf. Trevizam, 2011, p. 87: *A passagem acima, com efeito, trata de oferecer os traços físicos desejáveis nos cães que se adquirem para empregos variados nos "fundis rustici" – defesa da propriedade e dos bens do senhor, companhia, guarda dos rebanhos... –, de um modo, tanto quanto viável, exaustivo. Assim, nota-se, o escritor percorre os animais de um extremo a outro (do focinho à cauda, vale dizer), sem negligenciar a passagem por zonas intermediárias como o colo, as pernas, as patas, as unhas e o tronco. Além disso, há a menção à preferência pelo pelame claro e a especificidade anatômica feminina dos úberes. Por outro lado, a zona anatômica da face surge especialmente bem trabalhada por Varrão: como que pausado em câmera lenta sobre a "documentação" desta parte específica dos cães, ele logra, assim, apresentar-lhe as características ideais dos olhos, das narinas, dos lábios, do "queixo" e das presas.*

mentos descritivos outros, cuja força expressiva antes reside na beleza que na estrita eficácia “documental”.<sup>15</sup>

Estabelecidos esses traços caracterizadores da língua técnica (de agropecuária) diante de outros linguajares de um idioma como o latim, e dado que nossa exposição até o presente ponto destacou para aquela a variada riqueza vocabular – com empréstimos de exatos equivalentes gregos e a “forja” de termos com base em *rendosos* e *significativos* sufixos, por exemplo –, a sintaxe mais “ágil” e “menos acabada” que a da melhor prosa artística romana e a tendência a expandir os detalhes terminológicos ou descritivos para graus de refinamento dificilmente encontráveis em outras “variedades” da língua, será nosso intento em seguida “testar”, no quesito da adaptabilidade ao padrão expressivo aqui em foco, determinadas passagens comparáveis do livro III das *Geórgicas* de Virgílio e de *De re rustica* II, de Varrão. Assim, espera-se coligir dados concretos que nos permitam de fato falar em um maior grau de tecnicidade compositiva para o texto varroniano do que para aquele do célebre poeta das *Geórgicas*.

## II. DELINEAMENTO GERAL DOS TRAÇOS COMPOSITIVOS DO *DE RE RUSTICA* VARRONIANO E DAS *GEÓRGICAS*

O *De re rustica* de Varrão, provavelmente dado a público na velhice do autor,<sup>16</sup> é um diálogo em que sucessivamente se descrevem, ao longo de seus três livros, as práticas agrárias, a pecuária e a assim chamada *uillatica pastio* – criação comercial ou de leite de pequenos animais, como aves, caracóis e peixes, nos antigos *fundi rustici* romanos. Sua maneira estruturadora afina-se com os ditames da espécie *aristotélica* do gênero dialógico antigo, pois o

<sup>15</sup>. Um comentador do *Cato Maior* como J. G. F. Powell ressaltou a concentração do “lirismo” sobretudo nas partes agrárias deste pequeno diálogo ciceroniano, em que se estabelecem a vida e os fazeres rústicos como uma saída honrosa de possível felicidade para o homem ainda na fase mais adiantada de sua existência [cf. Powell, 2004, p. 23: *Stylistically, this work in notable for its exuberance of metaphor and comparison, and for a quality of style in some passages (especially the section on agriculture) that may be called lyrical. When Cicero himself described, in “Orator” 91ff, the “middle” style whose aim was “delectare”, he might have been providing a prescription for the style of his own philosophical writings, in their less technical and more rhetorical portions (cf. above, p. 1; 11-15): the chief qualities of this style are said to be “suauitas”, absence of “contentio”, richness of metaphor, and use of “sententiae” and “loci communes”]. No entanto, já observamos, o tratamento cuidado, do ponto de vista estético, de semelhantes passagens do *Cato Maior* não encontra equivalentes à altura nos quesitos do detalhamento, da sistematicidade e da funcional imediatez expositiva *técnica* (Trevizam, 2011, p. 97).*

<sup>16</sup>. Varrão, *De re rustica* I, I, 1: *Annus enim octogesimus admonet me ut sarcinas conligam, antequam proficiscar e uita*. “Pois meus oitenta anos me exortam a entrouxar a roupa antes de partir da vida” (tradução nossa).

autor se coloca “em cena” como personagem, os interlocutores em ficcional interação pronunciam-se em longas tiradas, quase sem serem interrompidos, e redigem-se proêmios antes do início efetivo de cada livro.<sup>17</sup> Embora as opiniões a respeito da eficácia instrutiva desta obra possam variar,<sup>18</sup> tem-se em geral compreendido o *De re rustica* como uma espécie de súpula de alguns dos mais importantes saberes agrícolas de que se dispunha nos tempos do autor, de modo que ele poderia ao menos prestar-se a guia de cultivadores medianamente experimentados.

Então, a cobertura dos tópicos técnicos surge, ali, panoramicamente abrangente e *organizada*, como exemplifica o conhecido aspecto das “grades” compositivas de que se serviu Varrão para guiar-se (e o público) na selva de tantos preceitos práticos, a cada livro, oferecidos. Referimo-nos, aqui, às partes programáticas de *De re rustica*, nas quais o “agrônomo” previamente divide e subdivide, em segmentos menores, grandes aspectos dos gerais assuntos campestres, como a pecuária. Conforme lemos em II, II, 12, a técnica do trato animal foi segmentada por Tremélio Escrofa em nove partes, três vezes repartidas em três: uma primeira vez, em cobertura aos ovinos, caprinos e suínos; uma segunda, aos bovinos, asininos e equinos; uma terceira, aos mulos, cães e pastores. Além disso, continua a mesma personagem, cada uma dessas nove subdivisões da pecuária ainda se subdivide em mais nove, quatro atinentes aos cuidados aquisitivos dos “plantéis”, quatro às medidas de seu trato cotidiano e uma “comum aos dois grupos” (*praeterea communis una*); ora, a soma de todas as subdivisões temáticas assim anunciadas perfaz o conjunto de oitenta e uma partes (9 x 9 = 81), que o autor técnico se encarrega, na sequência do livro II

<sup>17</sup> Cf. Blandenet, 2009, p. 10: *Varron opte en effet pour celle du dialogue, genre qui, pour évoquer les oeuvres de Platon, renvoie plus précisément ici au «mos Aristotelius». Varron en effet se met lui-même en scène parmi les protagonistes des trois dialogues, qui sont censés s'être déroulés de son vivant. C'est la forme que Cicéron popularise à la même époque dans ses propres oeuvres philosophiques, à partir de «De legibus».*

<sup>18</sup> Cf. Skydsgaard, 1968, p. 90: *In this connection it is worth pointing out that Book I is dedicated to his wife, Fundania. In other words, it is not designated for the professional farmer, but for the senator's wife who has bought an estate, and who wants the capital invested to yield the best possible interest. Cato's heterogeneous notes are written by a man who prides himself on having worked in the fields as a young man. Columella's work is the gentleman farmer's encyclopedia, intended to include everything. Varro's book, however, is laid out as a short, theoretical treatise, to which Fundania can revert when her husband is no longer at hand to advise her. What she needs, of course, is a general outline rather than specific technical instructions, which her "uillicus" knows far better anyway!* Spurr, 1990, p. 72: *Further on the general question of selectivity, even a rapid glance at the pages of Cato's "de agricultura" or Varro's "de re rustica" will reveal that the prose writers also were highly selective. Cato's treatise appears to be an incomplete and random assemblage of agricultural precepts and while Varro's work exhibits a much greater (too much, some modern commentators complain), logical organization of material, it could never be described as a comprehensive farming manual.*

de *De re rustica*, de realmente preencher com conteúdos vinculados a um tipo de ser vivo por vez...

O mesmo, por outro lado, não se poderia exatamente dizer das *Geórgicas* virgilianas, para nós exemplificadoras do antigo gênero da *poesia didática*.<sup>19</sup> Desde a Antiguidade, com efeito, os comentadores têm notado na obra a existência de características que não condizem, de fato, com as usuais em um estrito e funcional “tratado” de agropecuária:

*Vt ait Vergilius noster, qui non quid uerissime, sed quid decentissime diceretur aspexit, nec agricolae docere uoluit, sed legentes delectare.*<sup>20</sup>

Decerto o fazendeiro romano tinha melhores autoridades em quem confiar. Ele poderia voltar-se para Catão ou Varrão, ou, mais tarde, para Columela, e encontrar um tratamento mais completo e mais confiável do tema. Virgílio não reivindica a completude. Seu plano é implacavelmente seletivo. *Non ego cuncta meis amplecti uersibus opto* (“Eu não desejo tudo abranger em meus versos”), declara ele perto do início do livro 2. Em nenhum aspecto de seu assunto ele oferece ao agricultor praticante a informação que necessita ter. Catão, em sua obra sobre a agricultura, menciona mais de noventa ferramentas agrícolas: Virgílio se ajeita com oito, e essas incluem alguns itens que nunca apareceram num catálogo agrícola: os lentos carros rolantes da mãe Eleusina, os utensílios de vime de Celeu e a joiera mística de Iaco. (...) Não só pontos essenciais são omitidos, mas a seleção, em si, é estranha. O cavalo não era um animal importante nas propriedades rurais romanas; contudo, recebe tratamento épico, enquanto os úteis mulos e burro são omitidos. O começo do livro 2, que lista os principais assuntos a serem discutidos, dá a impressão de que a oliveira e a vinha receberão o mesmo tratamento. Na verdade a oliveira, tão importante para a economia romana, é descartada em seis versos (2.420-5).<sup>21</sup>

<sup>19</sup>. Cf. Toohey, 2010, p. 4 *et seq.* Para este autor anglófono, a poesia didática greco-latina, que conta com “espécimes” como *Os trabalhos e os dias* de Hesíodo, o *De rerum natura* de Lucrecio, a *Ars amatoria* de Ovídio e as *Geórgicas*, constitui espécie do gênero épico e se caracteriza 1. pela presença de um emissor uno de preceitos nas obras; 2. pela evocação do destinatário dos textos como “aluno”; 3. pela relativa sistematicidade dos propósitos/ funcionamentos de ensinamento; 4. pela variação construtiva, com alternância de “painéis” mítico-narrativos em meio aos preceitos sobre quaisquer das técnicas (ou filosofias, ou ciências...) abordadas; 5. pela composição versificada, em geral no metro hexâmetro datílico. Há variações no interior desta categoria compositiva, vale dizer, pois Lucrecio de fato se serviu da ocasião de escrita do *De rerum natura* para instruir o público no Epicurismo, enquanto em Ovídio e nas *Geórgicas* assistimos, sobretudo, a refinados jogos de construção de sentidos em camadas justapostas, amiúde contraditórias.

<sup>20</sup>. Sêneca, *Epistulae* LXXXVI, 15: “Como fala nosso Virgílio, que não olhou o que dissesse do modo mais verdadeiro, mas do modo mais especioso, nem quis ensinar aos agricultores, mas deleitar quem o lesse” (tradução nossa).

<sup>21</sup>. Cf. Dalzell, 1996, p. 106-107: *Certainly the Roman farmer had better authorities to rely on. He could turn to Cato or Varro, or later to Columella, and find a fuller and more reliable treatment of the subject. Virgil makes no claim to completeness. His plan is ruthlessly selective. “Non ego cuncta meis amplecti uersibus opto” (“I do not wish to cover everything in my verse”), he proclaims near the opening of Book 2. In no aspect of his subject does he provide the practicing farmer with the*

Além disso, neste poema, cujas altas qualidades artísticas desde há muito se reconhecem,<sup>22</sup> sobressai-se todo um espectro de elaborações textuais ainda não mencionadas cuja presença, no texto, antes denota o desvio de seus propósitos para o âmbito *estético* que para o *prático*: abundam no texto de Virgílio “ecos” da tradição literária progressiva, numerosas vezes redundando em efeitos de sentido bastante enriquecedores da trama significativa das *Geórgicas*;<sup>23</sup> a macroorganização do todo recebeu esmerado cuidado no quesito da *dispositio*, o que se nota, sobretudo, pela alternância de “tons” entre os livros pares (“otimistas”) e os ímpares (“pessimistas”) do poema,<sup>24</sup> bem como pela concentração dos assuntos “vegetais” nos dois livros do início, e dos “animais” naqueles do término; o autor recorreu, com alguma frequência, a refinadas técnicas compositivas de matriz alexandrina, como comprova a intrincada escrita, na segunda metade do livro IV desta obra, do *epyllion* (“pequena épica”)<sup>25</sup> de Aristeu e Orfeu: ora, correspondeu à tônica da poética calimaquiiana justo o exaustivo burilamento em “pequena escala” dos textos;<sup>26</sup> como derradeiro exemplo entre outros mais possíveis, enfim citamos a delicada musicalidade

*information which he needed to have. Cato, in his essay on agriculture, mentions upwards of ninety farm implements: Virgil makes do with eight, and these include some items that never appeared in an agricultural catalogue: the slow-moving carts of the Eleusinian mother, the wicker ware of Celeus, and the mystic winnowing basket of Iacchus. (...) Not only are essential points omitted, but the selection is itself strange. The horse was not an important animal on the Italian farm; yet it is given epic treatment, while the useful mule and donkey are passed over. The opening lines of Book 2, which list the principal subjects to be discussed, give the impression that the olive and the vine will be accorded equal treatment. In fact the olive, so important to the Roman economy, is dismissed in six lines (2.420-5). – (tradução nossa)*

<sup>22</sup> Além do juízo de Sêneca acima transcrito, cf. opiniões de Michel de Montaigne e de John Dryden, célebre poeta inglês do século XVII (de Montaigne, 1768, p. 102: *Les “Géorgiques”, que j’estime le plus accompli ouvrage de la poésie.* / Dalzell, 1996, p. 105: *Yet the poem has never lacked admirers. Dryden called it the “Best poem of the best poet”, and Montaigne thought it “Le plus accompli ouvrage de la poésie.”*).

<sup>23</sup> O estudo mais abrangente sobre a intertextualidade das *Geórgicas* que nos foi dado conhecer é o de Joseph Farrell (*Virgil’s “Georgics” and the traditions of ancient epic*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1991); contudo, para a menção pontual a uma parte desta obra (livro II, verso 490 *et seq.*), em seus “ecos” lucrecianos, cf. Paulo Sérgio de Vasconcellos (*Efeitos intertextuais na “Eneida” de Virgílio*. São Paulo: Humanitas/ FAPESP, 2001, p. 50-52), cujas análises revelam como que uma “correção” do cru materialismo daquele antecessor filosófico por Virgílio, no tópico do acato *também* aos benefícios da religiosidade camponesa (*DRN I, 79 – pedibus subiecta –*, e *Geórgicas II, 492 – subiecit pedibus*).

<sup>24</sup> Cf. Wilkinson, 1997, p. 72.

<sup>25</sup> Cf. Rodrigues-Júnior, 2001, p. 215-236.

<sup>26</sup> Cf. Oliva-Neto, 1996, p. 31: *Já se observa, na contínua reverência ao legado, a atitude borgiana de recusar a criação da obra de arte monumental. Calímaco afirmava: “tò mega biblion ison tòi megáloi kakôi”, “um grande livro é igual a um grande mal”.*

(“harmonia imitativa”)<sup>27</sup> de inúmeras passagens das *Geórgicas*, nas quais se aliam significantes/ sons e significados para a produção de trechos bastante intensificados em seus sentidos.<sup>28</sup>

Isso quer dizer que a camada constitutiva das *Geórgicas* em conexão com os ensinamentos agrários é apenas o estrato mais superficial do texto, cujas “abissais” profundidades incluem tópicos em conexão com a contemporaneidade histórica de Roma, várias correntes filosóficas antigas e a religiosidade tradicional de gregos e latinos.<sup>29</sup> Desse modo, sobretudo à maneira de uma entrada para tais questões funcionam os resumidos e (poeticamente) seletivos “ensinamentos” rústicos de Virgílio no poema.

### III. ASPECTOS DA SELEÇÃO LEXICAL E DO TRATAMENTO DESCRITIVO DOS GRANDES ANIMAIS RÚSTICOS PELO VIRGÍLIO DAS *GEÓRGICAS* (LIVRO III) E PELO VARRÃO DE *DE RE RUSTICA* II

Um ponto de rentabilidade para as análises que aqui nos dizem respeito corresponde ao tópico da reprodução animal: por um lado, trata-se de algo cuja abordagem se faz imperiosa em textos ocupados da tematização de plan-téis de qualquer tipo, pois é forçoso dar continuidade a eles e sempre “repor” as sucessivas gerações; além disso, os relativos tabus linguísticos vinculados à área semântica do sexo acabaram por refletir-se de modos distintos no grau e sutileza com que Virgílio (poeta) e Varrão (tratadista técnico) empregaram palavras alusivas ao ato e às partes genitais quando se referiram às criações de equinos e bovinos, por exemplo.

Um primeiro aspecto que desperta a atenção do crítico no contato comparativo com esses autores, em cobertura a tais temas peculiares, diz respeito ao emprego, pelo poeta, de determinadas expressões não só eufemísticas, mas ainda abrangentes também da experiência erótica (e afetiva) do ser humano.

<sup>27</sup>. Cf. Sant’Anna Martins, 2005, p. 73-74. Na passagem, a autora explica tratar-se a “harmonia imitativa” de repetição sonora deliberadamente pensada para “corresponder” ao sentido.

<sup>28</sup>. Cf. Marouzeau, 1946, p. 27: *Perse appelle l’r «littera canina» = celle qui reproduit le grondement du chien; elle convient à l’expression d’une vibration, d’un déchirement: «Georg». I, 143: Tum ferri rigor atque argutae lammina serrae.*

<sup>29</sup>. Cf. Wilkinson, 1997, p. 121 *et seq.* Nesta passagem de sua clássica obra sobre o poema virgiliano (1ª. edição, 1969), o crítico se posiciona a respeito de aspectos “filosóficos, morais e religiosos” do texto, os quais, sem dúvida, nele se multiplicam. Ainda, a partir de p. 153, temas como a ideia de uma Itália “integrada”, nos tempos de Virgílio, por eventos como o comum enfrentamento romano à aliança entre Cleópatra e Marco Antônio e o “augustanismo” adentram-lhe as reflexões, atestando que muito além de vinhas e rebanhos acolhe este erudito poema.

Referimo-nos às palavras latinas *Amor* (“amor”, “amizade”, “ternura”, “paixão”, “desejo”) e, sobretudo, *Venus* (“Vênus” – divindade do amor carnal e do erotismo no mundo antigo – “prazer amoroso”, “cópula”, “sêmen”/ “esperma”...). Ora, neste livro III das *Geórgicas*, Virgílio buscou, na verdade, estabelecer um quadro em que homens e brutos se igualam na fatalidade de seus impulsos afetivos/sexuais<sup>30</sup> e na experimentação da morte, aqui corporificada pelo assustador episódio da “Peste Nórica” (v. 474 *et seq.*). Sobre o último ponto, lembramos que o *Noricum* era uma real província romana transalpina, em que o poeta descreve, neste trecho, fictícios eventos<sup>31</sup> relativos a um mal do gado advindo de certo desarranjo atmosférico,<sup>32</sup> cujas consequências envolvem a completa aniquilação da vida – doméstica, selvagem ou humana – naquelas paragens, desde então tornadas desertas (*longe saltus lateque uacantis* – “bosques vazios em todas as direções”, v. 476).

Tal “simbiose” entre os mundos animal e humano, assim, justifica em parte que Virgílio várias vezes empregue o termo *Amor* em menção ao *desejo sexual* (ou afeto amoroso) de todos os seres animados da natureza: ele surge, no livro III, em v. 210 (*caeci stimulos auertere Amoris* – “afastar os estímulos do cego desejo”), v. 227 (*quos amisit inultus Amores* – “os amores que perdeu sem vingar-se”), v. 244 (*Amor omnibus idem* – “o desejo é o mesmo para todos”), v. 259 (*quid iuuenis, magnum cui uersat in ossibus ignem/ durus Amor?* – “e o jovem, em cujos ossos revolve um grande fogo/ o duro desejo?”) e v. 269 (*illas ducit Amor trans Gargara* – “leva-as além dos Gárgaros o desejo”). Na primeira ocorrência da palavra aludida, ela se insere no contexto da recomendação de privar os machos da espécie bovina e equina da contínua visão das fêmeas – o que se pode fazer, explica Virgílio, mandando-os “para pastagens solitárias” (*in sola... pascua* – v. 212-213), “além de um monte interposto” (*post montem oppositum* – v. 213), “além de rios largos” (*trans flumina lata* – v. 213) ou mesmo mantendo “fechados dentro, junto de currais fartos” (*intus clausos satura ad praesepia* – v. 214) –, pois isso, supostamente, os enlanguesce em demasia. Na

<sup>30</sup> Cf. Dalzell, 1996, p. 121-122.

<sup>31</sup> Sobre o fato de corresponder o episódio da “Peste Nórica”, na verdade, a uma montagem literária em débito para com muitas fontes progressas (como Lucrécio, *D.R.N.* VI), cf. ensaio de Jackie Pigeaud, 1998, p. 157-172.

<sup>32</sup> Cf. Pigeaud, 1998, p. 160: *Virgile commence par dire qu'il va donner les causes et les symptômes de la maladie (III, 440). La cause fondamentale est la maladie de l'air «morbus caeli» (478). Le texte de référence comme nous l'avons dit plus haut, est le passage de «Nature de l'homme», chap. 9, du «Corpus hippocratique». J'ajouterai ici seulement le texte des «Définitions médicales» du Pseudo-Galien, que Jutta Kollesch date de la fin du 1<sup>er</sup>. siècle de notre ère, et qui donne un éventail des définitions de la peste XLX, K 391: «la peste ('loimos') est une maladie attaquant tout le monde ou la plupart, du fait de la corruption de l'air, de sorte que la plupart périt». Voici la définition que l'on donne encore: «la peste est une maladie commune attaquant la plupart, du fait de la même circonstance ('kairos'), à l'intérieur des cités et des ethnies, facteur de dangers intenses et de morts».*

vez seguinte (v. 227), descreve-se a dor de um touro que perdeu para outro a chance de copular com uma bela vaca do maciço de Sila, na Itália meridional, depois de temporariamente derrotado em uma luta de chifres; o que vemos já em v. 244 é uma fatalista constatação de que ninguém, homens ou animais, consegue furtar-se por inteiro à tirania do desejo sexual. Em v. 259, em espécie de ilustração deste princípio-mestre da natureza, o poeta evoca sutilmente a lenda da paixão entre Leandro e Hero, essa uma sacerdotisa de Afrodite separada dele pelo estreito do Helesponto: ocorre que, a cada noite, o moço se entregava a nado às ondas do mar na ânsia de desfrutar das carícias da amante, tendo o mesmo ocorrido até na ocasião em que, estando as águas muito agitadas por conta de uma horrenda tempestade, não conseguiu resistir ao impulso e, ainda assim, aventurou-se nelas... para morrer afogado. Contudo, por mais intensa que possa parecer a “fúria” amorosa de Leandro, Virgílio ressalta, em conformidade com os juízos de Aristóteles a respeito de idêntico tópico,<sup>33</sup> que entende corresponderem as éguas ao tipo de ser vivo cujos impulsos “eróticos” são os mais extremos (v. 269); para isso, conta a lenda de Glauco, mítico filho de Sísifo, cujos animais o teriam trucidado a dentadas porque ele se recusara a deixá-las acasalar-se, na intenção de mantê-las mais ardorosas para disputar um páreo.<sup>34</sup>

Além desse efeito de afrouxamento de barreiras entre nossa espécie e as dos outros seres, também reiteramos que, secundariamente, propósitos eufemísticos podem ter dado ensejo a semelhante – e imprecisa – seleção lexical, pois, algo difuso, em suas *gerais* possibilidades significativas, entre o universo dos sentimentos e o efetivo desejo de satisfazer os instintos, o termo *Amor* como que rechaça um pouco da crueza de expressões mais diretas.<sup>35</sup> Algo pare-

<sup>33</sup>. Cf. Trevizam, 2009, p. 87-88: *Ora, como o reconhecimento do ímpeto sexual inalcançável das éguas coubera, já, ao Aristóteles da “História dos animais” (572a8-30) e a ênfase do livro III das “Geórgicas” é dada, bem o vimos, ao transbordar (não à contenção) desse instinto, poder-se-ia, por conseguinte, ler tal passagem virgiliana à maneira de uma segura “correção”, no sentido de que, inclusive recorrendo à autoridade “científica” do filósofo grego, passa-se a enfatizar, na versão poética, não só um aspecto mais documentado do hábito dos equinos, mas, é notório, de fato condizente com o teor deste livro.*

<sup>34</sup>. Cf. Grimal, 1963, p. 166: *Ce Glaucos est célèbre surtout par sa mort. Il prit part aux jeux funèbres donnés en honneur de Pélías, à la course de quadriges. Il y fut vaincu par Iolaos, le fils d’Iphiclés (v. Iolaos); puis, ses juments le dévorèrent. Elles avaient été rédues furieuses soit par l’eau d’une source magique, à laquelle, par inadvertance, leur maître les avait abreuvées, soit par la suite de la colère d’Aphrodite, car Glaucos, pour les rendre plus rapides, empêchait ses juments de s’accoupler, et ainsi offensait la déesse.*

<sup>35</sup>. Há, contudo, que se observar que, descontada uma ocorrência supracitada, a de v. 227, a palavra em questão claramente se emprega, em *Geórgicas* III, em contextos que deixam clara sua acepção de “desejo sexual”. E, em v. 130, o mesmo Virgílio utiliza *uoluptas* – “prazer”, “sensualidade”, “volúpia” –, em recorrência a termo mais explícito quando trata do primaveril despertar dos instintos sobre as vacas.

cido se poderia dizer das funções da palavra *Venus* no livro III das *Geórgicas*, já que, por um lado, de certo modo estabelece religiosamente, como o domínio da deusa, os reinos comuns da animalidade e da humanidade;<sup>36</sup> por outro, como já notara Marco Fábio Quintiliano no século I d.C., sobre recorrer a tal expediente:

É mais decente dizer “Vênus” que “coito”.<sup>37</sup>

Na verdade, Virgílio se vale dessa metonímia<sup>38</sup> por quatro vezes no livro das *Geórgicas* aqui analisado (v. 64, v. 97, v. 137 e v. 210), pois, em v. 267, a palavra se emprega em sua acepção do nome próprio da divindade, o equivalente romano da “Afrodite” grega. Nesta derradeira ocorrência, portanto, Vênus corresponde à instigadora de uma excepcional volúpia sobre as éguas, desde o tempo em que as inflamou de desejo para vingar-se do sacrilégio de Glauco, o qual, no relato mítico supracitado, negara-lhe egoisticamente o devido, ou seja, a chance de seus animais se acasalarem.<sup>39</sup>

A observação da seleção lexical equivalente, em Varrão, não resulta em constatações de mesmo tipo. De início, então, esse autor técnico não emprega termos genéricos e eufemísticos para referir-se ao instinto ou ao ato sexual de equinos ou bovinos, nem jamais lhes aproxima os “sentimentos” daqueles dos humanos. Em vez disso, para designar a “monta”, “coito” ou “cobertura” dos

<sup>36</sup> Em inícios do célebre “Hino a Vênus” de abertura do *De rerum natura* lucreciano – I, 1-9 –, a deusa é mostrada como instigadora de uma primaveril fertilidade sobre todos os reinos da criação: *Aeneadum genetrix, hominum diuumque uoluptas, alma Venus, caeli subter labentia signal quae mare nauigerum, quae terras frugiferentis/ concelebras, per te quoniam genus omne animantum/ concipitur uisitque exortum lumina solis:/ te, dea, te fugiunt uenti, te nubila caeli/ aduentumque tuum, tibi suavis daedala tellus/ summittit flores, tibi rident aequora ponti/ placatumque nitet diffuso lumine caelum.* – “Mãe dos Enéadas, dos homens e deuses prazer, Vênus fecundante, que sob os fluidos astros/ do céu o mar porta-naus, as terras frugíferas/ povoa, pois por ti toda espécie de ser vivo/ é concebida e, ao nascer, divisa a luz do sol:/ de ti, deusa, de ti fogem os ventos, de ti as nuvens do céu/ e à tua chegada, para ti a terra habilidosa estende/ suas flores, para ti riem os plainos do mar/ e brilha o céu sereno com luz difusa” (tradução nossa).

<sup>37</sup> *Institutio oratoria* VIII, VI, 24: *Venerem quam coitum dixisse magis decet.*

<sup>38</sup> Cf. Tringali, 1988, p. 134: *Se digo: “bebamos um Madeira”, quero dizer um vinho fabricado na ilha da Madeira. Usei a palavra Madeira em lugar da palavra vinho. Na metonímia, uma palavra se usa em lugar de outra (Camões por “Lusíadas”), não por semelhança, mas porque há, entre ambas as coisas, uma relação de contiguidade. Há uma relação de vizinhança, de interdependência entre ambas as coisas, entre o vinho e a ilha da Madeira.*

<sup>39</sup> Também a negação de Hipólito, castíssimo e exclusivo servidor de Ártemis caçadora, a entregar-se às “coisas de Vênus” resultou na vingança da última deusa contra si, pois sua madrasta, Fedra, apaixonou-se por ele, culpou-o em meio aos conflitos psicológicos do amor não correspondido – e criminoso – e fez com que Teseu, seu pai, o amaldiçoasse, do que resultou sua violenta morte quando arrastado no chão pedregoso pela junta dos próprios cavalos (Grimal, 1963, p. 212-213).

animais, encontramos, nos capítulos VI e VIII do livro II de *De re rustica*, nos quais se tematizam, respectivamente, a criação de bovinos e equinos, o emprego, por quatro vezes, do técnico e preciso termo *admissura*;<sup>40</sup> por uma vez, de *admissio*,<sup>41</sup> seu sinônimo. Além disso, também por uma, do adjetivo *admissarius* (“reprodutor”),<sup>42</sup> em menção aos garanhões em inícios de capítulo VIII, e, em seis ocorrências, de formas variadas do verbo *admittere* (“fazer que o macho cubra a fêmea”).

Por outro lado, ainda se notam aqui dois empregos do infinitivo *inire* (“ter cópula”, “cobrir”) para a indicação do ato sexual dos brutos, além de outros dois do verbo *salire* (sinônimo daquele).<sup>43</sup> O desejo, em si, é chamado explicitamente por Varrão de *cupiditas* (“volúpia”, “ímpeto sexual”) em certa passagem do capítulo VIII,<sup>44</sup> explicitude a que, de certo modo, mesmo Virgílio já recorrera, no verso 130 de *Geórgicas* III, quando preferiu dizer *uoluptas*, não o genérico e vasto, do ponto de vista semântico, *Amor*. Enfim, Varrão é o único a empregar, uma vez no capítulo VI e outra no capítulo VIII de *De re rustica* II,<sup>45</sup> um vocábulo *imediatamente* designativo das partes sexuais dos animais: trata-se de *testis* (“testículo”), que aparece no contexto ao lado dos imprecisos *locus* (“lugar”, menos comumente “madre”, “útero”) e *natura* (“natureza”, “compleição”, “partes naturais”), aplicados à genitália das éguas. Para referir-se à genitália de animais do sexo feminino, Virgílio servira-se, em *G.* III, 136, de *genitale aruum* (“campo genital”) e, em *G.* III, 281, de *inguen* [“virilha”, “partes pudendas (do macho/ homem ou da fêmea/ mulher)”]; ora, se no primeiro caso a expressão indica apenas metaforicamente o que o poeta deseja comunicar como um espaço *fértil* ou de *semeadura*,<sup>46</sup> no segundo, vemos, sequer bastaria, descontextualizada, para particularizar se de partes pudendas femininas ou masculinas se trata...

Outros termos imprecisos utilizados por Virgílio no terceiro livro das *Geórgicas*, além de *Venus*, para nomear a união sexual são *Hymenaeus* (“Himeneu”, deus filho de Baco e Afrodite e protetor das núpcias, “casamento”, menos comumente “cópula”, v. 60) e *labor* [“obra”, “trabalho”, “esforço (reprodutivo para o macho)” – v. 97]; um verbo semanticamente afim a esses no-

<sup>40</sup>. Varrão, *De re rustica* II, VI, 12 (duas vezes)/ II, VIII, 4/ II, VIII, 15.

<sup>41</sup>. Varrão, *De re rustica* II, VIII, 7.

<sup>42</sup>. Varrão, *De re rustica* II, VIII, 1.

<sup>43</sup>. Varrão, *De re rustica* II, VIII, 8/ II, VIII, 9.

<sup>44</sup>. Varrão, *De re rustica* II, VIII, 8.

<sup>45</sup>. Varrão, *De re rustica* II, VI, 14/ II, VIII, 15.

<sup>46</sup>. A palavra *semen*, em latim, designa igualmente o líquido seminal dos machos e as sementes que se inserem no solo para o nascimento das plantas; cf., analogamente, grego *spérma* (Bailly, 1901, p. 798: *I semence – 1 en parlant de plantes, semence, grain, grainell/ 2 en parlant d'animaux ou de personnes semence, germe*).

mes, isto é, “destinar a reprodutor” (*submittere*), foi empregado neste poema didático em III, 73 e 159, ao lado da expressão *solue mares* (literalmente, “solta os machos”, “deixa que copulem à vontade”) de v. 64. Também se observa, pela leitura do presente livro das *Geórgicas* até a parte ocupada de preceituar sobre o trato de animais de *grande porte*,<sup>47</sup> que a palavra *ignis* – “fogo” – indica em duas ocorrências o ímpeto sexual dos seres vivos (v. 244 e v. 258),<sup>48</sup> e que termos inseridos, em sentido denotativo, no âmbito do desequilíbrio mental (*furia* – “loucura”, “cólera”, v. 244/ *furor* – “devaneio”, “frenesi”, v. 266) se aplicam, neste contexto, a sinalizar a *exacerbação* do desejo. Ainda importa dizer que o poeta se refere a um desenlace natural do sexo, isto é, à parturição, uma vez metonimicamente como *Lucina* (“Lucina”, deusa romana protetora das mulheres no momento de darem à luz – v. 60),<sup>49</sup> outra como *partus* (“parto”, v. 157), enquanto Varrão se serviu, em duas ocasiões,<sup>50</sup> apenas dessa última expressão para designar a mesma realidade.

Não será, talvez, desprovido de interesse resumir tais considerações lexicais sob a forma dos quadros esquemáticos seguintes:

<b>Quadro 1</b>	“desejo”	“cópula”, “união sexual”
Varrão – II, VI e VIII	<i>cupiditas</i>	<i>admissura, admissio</i>
Virgílio – G. III (grandes animais)	<i>Amor, uoluptas, ignis, furia, furor</i>	<i>Venus, Hymenaeus, labor</i>
<b>Quadro 2</b>	partes genitais dos machos	partes genitais das fêmeas
Varrão – II, VI e VIII	<i>testis</i>	<i>locus, natura</i>
Virgílio – G. III (grandes animais)	sem equivalente	<i>genitale aruum, inguen</i>

<sup>47</sup> De G. III, 286 em diante, o poeta passa a preceituar exclusivamente de caprinos e ovinos.

<sup>48</sup> Também se deve acrescentar que o verbo *urere* (“queimar”, “abrasar”) foi empregado em G. III, 215, em menção ao desejo nefasto à saúde dos machos/ bois que, *continuamente*, divisam nas pastagens e querem unir-se às fêmeas de sua espécie. Metaforicamente, ainda, utilizara-se em v. 99 a palavra *ignis* para indicar o *vão* desejo de um macho idoso que se põe sem muita potência a reproduzir-se, aproximando-o, então, de uma rápida chama sobre palhas, mas *sem verdadeiras forças*.

<sup>49</sup> Para M. C. Howatson (1993, p. 554), *Lucina* corresponderia a um dos epítetos/ atributos de Juno, deusa irmã e consorte de Júpiter.

<sup>50</sup> Varrão, *De re rustica* II, VIII, 7/ II, VIII, 11.

<b>Quadro 3</b>	“copular”, “fazer copular” (verbos ou expr. verbais)	“destinar (o macho escolhido) a reprodutor” (verbos ou expr. verbais)
Varrão – II, VI e VIII	<i>inire, salire, admittere</i>	<i>ad admissuram quos uelis habere</i> <sup>51</sup>
Virgílio – G. III (grandes animais)	<i>solue mares</i>	<i>submittere</i>

Por seu intermédio, então, divisamos com clareza como, no primeiro quesito, Varrão sempre recorreu incisivo e sem poetizar a óbvios termos designativos do desejo e do coito; ele, ainda, não antropomorfiza tais experiências dos animais, à diferença de Virgílio (note-se, sobretudo, os sugestivos empregos de *Amor e Hymenaeus*).<sup>52</sup> No quesito anatômico, apenas Varrão, com a recorrência a *testis*, expressou-se com total explicitude e precisão terminológica. Enfim, tanto Virgílio quanto Varrão recorreram a verbos (ou expressões nas quais aparecem...) que se referem a atos de natureza sexual, mas destaca-se acima a variedade do léxico do segundo autor, e o fato, por outro lado, de que apenas o primeiro se serviu contextualmente de uma única palavra capaz de indicar o destino reprodutivo de alguns dos machos do plantel.

O segundo quesito analítico a que nos reportamos acima, ou seja, a diversa abordagem descritiva – e *textual*, portanto – dos animais pelo tratadista técnico do *De re rustica* e pelo poeta das *Geórgicas*, é, para nós, aqui exemplificado pelos respectivos trechos de tratamento da anatomia desejável dos “bons” espécimes bovinos:

II, VI, 7-8. *Qui gregem armentorum emere uult, obseruare debet primum, ut sint eae pecudes aetate potius ad fructos ferendos integrae quam iam expartae; ut sint bene compositae, ut integris membris, oblongae, amplae, nigrantibus cornibus, latis frontibus, oculis magnis et nigris, pilosis auribus, compressis malis subsimae, ne gibberae, spina leuiter remissa, apertis naribus, labris subnigris, ceruicibus crassis ac longis, a collo palea demissa, corpore bene costato, latis umeris, bonis clunibus, codam profusam usque ad calces ut habeant, inferiorem partem frequentibus pilis subcrispam, cruribus*

<sup>51</sup>. Varrão, *De re rustica* II, VIII, 4: “Os que quiseres reservar para o cruzamento” (tradução nossa).

<sup>52</sup>. Como Vênus se considerou a responsável pela fertilidade não só dos homens, mas ainda dos brutos e mesmo das plantas (Howatson, 1993, p. 1037: *Ancienne divinité italique assurant à l'origine la fertilité des plantes des potagers. Très tôt elle fut assimilée à la déesse grecque Aphrodite, déesse de l'Amour dont elle prit les caractéristiques et attributs, grâce au culte qui lui était consacré à Éryx dans l'ouest de la Sicile et qui, selon la légende, aurait été fondée par Énée après la mort de son père Anchise.*), em suas primitivas origens itálicas, “choca” menos a menção a essa deusa em contexto de reprodução animal. Mas o “Himeneu” era um rito/ cântico nupcial, em princípio, reservado para as ocasiões de bodas humanas (Howatson, 1993, p. 521).

*potius minoribus rectis, genibus eminulis distantibus inter se, pedibus non latis, neque ingredientibus qui displudantur, nec cuius unguulae diurent, et cuius ungues sint leues et pares, corium tactu non asperum ac durum, colore potissimum nigro, deinde robeo, tertio heluo, quarto albo; mollissimus enim hic, ut durissimus primus. De mediis duobus prior quam posterior in eo prior, utriusque plures quam nigri et albi.*<sup>53</sup>

*Seu quis Olympiacae miratus praemia palmae  
pascit equos seu quis fortis ad aratra iuencos, 50  
corpora praecipue matrum legat. Optima toruae  
forma bouis, cui turpe caput, cui plurima ceruix  
et crurum tenuis a mento palearia pendent;  
tum longo nullus lateri modus: omnia magna,  
pes etiam, et camuris hirtae sub cornibus aures. 55  
Nec mihi displiceat maculis insignis et albo  
aut iuga detrectans interdumque aspera cornu  
et faciem tauro propior quaeque ardua tota  
et gradiens ima uerit uestigia cauda.*<sup>54</sup>

Primeiramente, sobressai-se na comparação entre os dois excertos a mais vasta extensão da passagem em prosa (cento e quarenta e duas palavras no original varroniano *versus* setenta e seis em Virgílio), o que, acrescido da maior quantia de partes anatômicas caracterizadas pelo primeiro autor, já basta para conferir-lhe a palma no aspecto do detalhamento técnico. Falando qualitativa e não quantitativamente, porém, também se veem importantes diferenças,

<sup>53</sup>. Varrão, *De re rustica* II, VI, 7-8: “Quem deseja comprar um rebanho de bois deve primeiro observar que sejam esses animais, pela idade, antes bons para gerar cria do que já estéreis; que sejam bem proporcionados, de membros intactos, alongados, grandes, de chifres negros, de frente larga, de olhos grandes e negros, de orelhas peludas, de maçãs estreitas e fofoinho um tanto chato, não corcundas, de coluna levemente rebaixada, de narinas abertas, de lábios escurecidos, de colos espessos e longos, projetando-se uma ‘crista’ deles, de corpo dotado de costas fortes, de espáduas largas, de traseiros vistosos; e que tenham a cauda caída ate os calcanhares, a parte inferior encrespada com muitos pelos, sejam de pernas de preferência curtas e retas, de joelhos salientes distando entre si, de patas não largas nem voltadas para fora ao andar, sem cascos a abrirem-se, de cascos ligeiros e iguais, de couro nem áspero nem duro ao tato, de preferência de cor negra, depois avermelhado, em terceiro lugar castanho, em quarto branco; o pelo mais macio é esse, assim como o mais duro o primeiro. Dentre os dois intermediários, o primeiro leva mais vantagem que o posterior, e ambos são mais abundantes que os negros e brancos” (tradução nossa).

<sup>54</sup>. Virgílio, *Geórgicas* III, 49-59: “Quer alguém que admirou os prêmios da palma olímpica/ apascente cavalos, quer alguém novinhos fortes para os arados,/ sobretudo escolha os corpos das mães. A melhor a forma/ da vaca de olhar ameaçador, cuja cabeça é feia, cuja nuca avantajada/ e a papada pende do mento até as pernas;/ então nenhuma medida para o longo flanco: tudo grande,/ mesmo a pata, e as orelhas peludas sob os chifres implicados./ Nem me desagradaria a notável pelas manchas brancas,/ rejeitando os jugos, às vezes violenta com os chifres,/ um tanto próxima ao touro pelo aspecto, inteira alta/ e que, ao andar, apaga as pegadas com a ponta da cauda” (tradução nossa).

apesar das semelhanças,<sup>55</sup> entre uma e outra descrição dos bovinos. Ora, uma parte anatômica como a cabeça dos animais encontra-se nitidamente mais cuidada em Varrão do que em Virgílio, podendo-se notar, no primeiro autor, a preocupação, de fato, em descrever todos os principais órgãos de tal região física [olhos, orelhas, focinho, narinas, boca (lábios)], além dos chifres, da frente e das maçãs (do rosto); cada uma das partes da cabeça que se mencionam, ainda, recebe no mínimo um qualificativo que lhes precisa os traços desejáveis... Em Virgílio, por sua vez, fala-se, sobre tema semelhante, apenas do “olhar ameaçador” (*toruus*, aplicado a *bos* de v. 52, apresenta tal sentido), não dos “olhos” do animal; ainda, de uma cabeça *feia* (*turpe caput*, v. 52), todavia por ignorado motivo, de “orelhas peludas sob os chifres implicados” (*camuris hirtae sub cornibus aures*, v. 55) e, enfim, como novo traço possivelmente associável aos chifres – mas não morfológico –, do fato de que as vacas tidas como boas reprodutoras podem às vezes servir-se dos cornos para o ataque (*interdumque aspera cornu*). Assim, somente dois dos adjetivos empregados por Virgílio com fins descritivos das partes faciais, na verdade, revestem-se da mesma eficácia caracterizadora que divisamos em *todos* aqueles da passagem varroniana correspondente: são eles, observa-se, *camurus* (“implicado”, “voltado para dentro”) e *hirtus* (“peludo”, “hirsuto”, “pontudo”). Alguns dizeres de Mynors, comentador da edição de Oxford desta obra virgiliana, auxiliam-nos a situar melhor, sobretudo, os traços caracterizadores do termo *camurus*:

*Camuris*: dobrado para dentro, relacionado a *camara*, *camera* e *kamára*. Macrob. Sat. 6.4.23 *peregrinum uerbum est, id est, in se redeuntibus*; Festus p. 38L. *camuri boues a curuatione dicuntur*; Serv. *id est curuis*. (...) D*Serv.* oferece *camurus*, *patulus*, *laeuus*, *licinus* para as quatro direções da curvatura, adentro, para fora, para baixo e para cima. *Hirtae... aures*: um outro sinal de vigor, sem dúvida; Varrão *pilosus auribus*, Col. *hirtis*, Plínio *saetosis* sobre um touro.<sup>56</sup>

No entender do Macróbio das *Saturnais*, na passagem acima citada pelo crítico, o adjetivo em pauta é “palavra estrangeira” (*peregrinum uerbum*), certamente porque ele o vincula ao grego *kamára* (“abóboda”, “câmara abobadada”);<sup>57</sup> ainda, como se menciona também alhures, em uma série qualificativa

<sup>55</sup>. As semelhanças entre as obras agrárias de Varrão e Virgílio não são meramente casuais, pois, como já há muito reconheceu a crítica, o autor em prosa foi uma das principais fontes técnicas para que este poeta se “abastecesse” de saberes especializados (Wilkinson, 1997, p. 65-68).

<sup>56</sup>. Cf. Virgil, 2003, p. 189: “*Camuris*” – *inward-curving, related to “camara”, “camera” and kamara* Macrob. Sat. 6.4.23 “*peregrinum uerbum est, id est, in se redeuntibus*”; Festus p. 38L. “*camuri boues a curuatione dicuntur*”; Serv. “*id est curuis*”. (...) D*Serv.* gives “*camurus*”, “*patulus*”, “*laeuus*”, “*licinus*” for the four directions of curvature, in, out, down, and up. “*Hirtae... aures*”: another sign of “*stamina*”, no doubt; Varro “*pilosus auribus*”, Col. “*hirtis*”, Pliny “*saetosis*” of a bull.

<sup>57</sup>. Cf. Bailly, 1901, p. 457.

quádrupla e para indicar uma *específica* direção de crescimento córneo, pode-se considerar um vocábulo da língua técnica latina de agropecuária.<sup>58</sup> Por outro lado, sobre *hirtus*, a associação feita pelo crítico entre os animais a apresentarem tal detalhe morfológico nas orelhas e a *força* bem justifica porque tanto Varrão quanto Virgílio se lembram de citá-lo. Se algo de semelhantemente técnico tivéssemos de apontar no trecho varroniano citado, decerto seriam os *dois* designativos cromáticos *robeus* e *heluus* (“avermelhado” e “castanho”), pois o primeiro em princípio se aplica, pela definição do Dicionário latino-inglês de Oxford, “a animais domésticos ou similares”;<sup>59</sup> o segundo, a semelhante tipo de seres.<sup>60</sup>

Um por vez, os respectivos trechos de Varrão e de Virgílio parecem destacar-se, julgamos, pela (monótona) tentativa de “exaustão” descritiva e pela *expressividade*.<sup>61</sup> De fato, em vez de “esgotar” todas as características corporais que julga associáveis às vacas passíveis de converter-se em prolíficas reprodutoras de plantéis, o poeta seleciona traços significativos a elas vinculados cuja ocorrência *em si* nos remete a ideias de uma generosa forma física: citamos como exemplos as expressões *plurima ceruix* (“nuca avantajada”, v. 52), *cru-rum tenuis a mento* (“do mento até as pernas”, v. 53), *longo nullus lateri modus* (“nenhuma medida para o longo flanco”, v. 54), *omnia magna* (“tudo grande”, v. 54), *faciem tauro propior* (“um tanto próxima ao touro pelo aspecto”, v. 58), *ardua tota* (“inteira alta”, v. 58) e *ima uerit uestigia cauda* (“apaga as pegadas

<sup>58</sup> Cf. Della Corte (org.), 1984, p. 61: *Pochi sono i particolari anatomici interessanti e gli attributi: “rostrum” (“muso”), “palearia” pl. (“giogaia”), “saeta” (“setola”), “ungula” (“zoccolo”), e “camurus” (“dalle corna rivolte all’indietro”) e “cernuus” (“dalla testa ciondolante”) – entrambi a partire da V –, “simus” (“dal muso rincagnato”), “petulcus” (“che cozza”), “gilius” (“color isabella”), “glaucus” (“storno”), “spadix” (“baio”).*

<sup>59</sup> Cf. Glare, 1968, p. 1657. / Veja-se ainda comentário de Charles Guiraud à passagem varroniana transcrita, na edição Les Belles Lettres do livro II do *De re rustica* (p. 134): *Trois adjectifs de couleur de forme très voisine – “robeus”; “rubeus”; “robis”. Cf. J. André, «Termes de couleur»..., p. 84-85. “Robeus” est attesté par une inscription (C.I.L. VI, 826). “Rubeus”: mot d’apparition tardive, à vocalisme refait sur “ruber”. Selon P.F. 325, 1, “robis” est un terme de la langue paysanne, désignant une teinte rouge de la robe des boeufs. Son emploi est limité à certains animaux domestiques: boeuf, taureau, etc.*

<sup>60</sup> Cf. Glare, 1968, p. 790. / No supracitado comentário de Oxford às *Geórgicas*, Mynors explica o qualificativo *gilius* – G. III, 83 –, que se pode relacionar a *heluus* pela forma e sentido (p. 194): *“Gilius” is a rare word of unknown origin and uncertain meaning, first known from Varro “Men”. 358, and apparently used only of horses. Serv. explains it as “melinus color”, which should be bright yellow of quinces. Often rendered “dun”; Richard Ford (1845) 53 suggests “sorrel”.*

<sup>61</sup> Cf. Della Corte (org.), 1984, p. 59: *La terminologia agricola che reperiamo nell’intera opera di V. ci è già nota quasi interamente da Catone o da Varrone o da altri autori, anche non di cose agrarie. Mancano d’altra parte vari termini specifici e i termini “rustici” riportati dagli autori di trattati agricoli. Non possiamo però ritenere che V. li ignorasse, ma piuttosto che preferisce espressioni più ricche di connotazioni poetiche, anziché quelle troppo crudamente tecniche e specifiche.*

com a ponta da cauda”, v. 59). Nesse rol, com efeito, em geral encontramos sentidos em nexos com o grande tamanho de tais vacas, ou de suas partes, mesmo quando se aproximam dos touros – em geral, mais vigorosos e *maiores* que as fêmeas! – pela forma. Assim, Virgílio desta feita em tudo procedeu como se, deliberadamente, desejasse frisar que vacas pouco desenvolvidas de corpo não “renderiam” fortes e numerosos descendentes aos criadores.

O exposto, pois, tanto no tópico do vocabulário sexual (e reprodutivo) desses antigos autores *rerum rusticarum*, quanto naquele dos mecanismos descritivos empregados por *um ou outro* ao abordarem certo tipo animal em questão, oferece-nos objetivamente subsídios para divisar em Varrão um típico exemplo de *escritor técnico* romano. Virgílio, por sua vez, apesar de incorporar muito do universo rural e de seu especializado tratamento léxico/ textual nas *Geórgicas*, demonstra com clareza que o foco estruturador de base deste seu elaborado poema se furta a fins formadores do público na “agronomia”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGRICOLO, lessico. In: DELLA CORTE, F. (org.). *Enciclopedia virgiliana*. Roma: Istituto dell'Enciclopedia Italiana, 1984. Vol. I, p. 59-66.
- BAILLY, A. *Abrégé du dictionnaire grec-français*. Paris: Hachette, 1901.
- BLANDENET, M. Le savoir agronomique et sa transmission à Rome à la fin de la République. *Camenuiae*. N. 3, p. 1-19, juin 2009.
- BOSCHERINI, S. *Lingua e scienza greca nel “De agri cultura” di Catone*. Roma: Edizioni dell'Ateneo, 1970.
- BRACHET, J.-P.; MOUSSY, C. (org.). *Latin et langues techniques*. Paris: PUPS, 2006.
- DALZELL, A. *The criticism of didactic poetry: essays on Lucretius, Virgil and Ovid*. Toronto/ Buffalo/ London: University of Toronto Press, 1996.
- FARRELL, J. *Virgil's “Georgics” and the traditions of ancient epic*. New York/ Oxford: Oxford University Press, 1991.
- FÖGEN, T. (edited by). *Antike Fachtexte. Ancient technical texts*. Berlin/ New York: Walter de Gruyter, 2005.
- GIORDANI, M. C. *História de Roma*. Petrópolis: Vozes, 1968.
- GLARE, P. W. (org.). *Oxford Latin dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1968.
- GRIMAL, P. *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*. Paris: Presses Universitaires de France, 1963.
- HOWATSON, M. C. *Dictionnaire de l'Antiquité*. Traduit de l'anglais par J. Carlier et alii. Paris: Robert Lafont, 1993.
- LVCRETIVS. *De rerum natura Libri sex*. Recognovit breuique adnotatione critica instruxit Cyrillus Bailey. Oxonii: E Typographeo Clarendoniano, 2009.
- MAROUZEAU, J. *Traité de stylistique latine*. Paris: Les Belles Lettres, 1946.
- de MEO, C. *Lingue tecniche del latino*. Bologna: Pàtron, 1986.
- de MONTAIGNE, M. *Essais*. Londres: Jean Nourse & Vaillant, 1768.
- OLIVA NETO, J. A. Introdução. In: CATULO. *O livro de Catulo*. Introdução, tradução e notas de J. A. Oliva Neto. São Paulo: Edusp, 1996, p. 15-63.

- PIGEAUD, J. Quelques remarques sur l'épidémie du Norique dans les "Géorgiques" de Virgile (III, 478 ss.). In: VIRGILE. *Géorgiques*. Trad. par E. de Saint-Denis, introduction, notes et postface par J. Pigeaud. Paris: Les Belles Lettres, 1998, p. 157-172.
- POWELL, J. G. F. Introduction. In: CICERO. *Cato Maior "De senectute"*. Edited with introduction and commentary by J. G. F. Powell. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 1-30 et seq.
- QUINTILIAN. *The orators education: books 6-8*. Edited and translated by D. A. Russel. Cambridge, Mass./ London: Harvard University Press, 2001.
- RODRIGUES-JÚNIOR, F. "Epyllion": um gênero em questão. *Letras Clássicas*. São Paulo, ano 5, nº 5, p. 215-236, março de 2001.
- SANT'ANNA MARTINS, N. *Introdução à estilística*. São Paulo: Edusp, 2005.
- SARAIVA, F. R. S. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro/ Belo Horizonte: Garnier, 1993.
- SÊNECA. *Epistles – Vol. II (66-92)*. English translation by Richard M. Gummere. Cambridge, Mass./ London: Harvard University Press, 1920.
- SKYDSGAARD, J. E. *Varro the scholar: studies in the first book of Varro's "De re rustica"*. Copenhagen: Einar Munksgaard, 1968.
- SPURR, M. S. Agriculture and the "Georgics". In: MCAUSLAN, I.; WALCOT, P. (org.). *Virgil*. Oxford: Oxford University Press, 1990, p. 69-93.
- THOMAS, J.-F. Les noms d'instruments agricoles: monosémie, polysémie, homonymie. In: BRACHET, J.-P.; MOUSSY, C. (org.). *Latin et langues techniques*. Paris: PUPS, 2006, p. 61-78.
- TOOHEY, P. *Epic lessons: an introduction to ancient didactic poetry*. London/ New York: Routledge, 2010.
- TREVIZAM, M. Imagens da ruralidade no "Cato Maior", de Cícero, e no "De re rustica", de Varrão reatino: questões preliminares. *Nuntius Antiquus*. Belo Horizonte, vol. VII, n. 2, p. 81-100, jul.-dez. 2011.
- TREVIZAM, M. Virgílio leitor de Varrão: a apropriação crítica do legado varroniano nas "Géorgicas". *Phaos*. Campinas, vol. IX, p. 81-96, 2009.
- TRINGALI, D. *Introdução à retórica: a retórica como crítica literária*. São Paulo: Duas Cidades, 1988.
- VARRÃO. *Das coisas do campo*. Tradução, introdução e notas de Matheus Trevizam. Campinas: Unicamp, 2012.
- VARRON. *Économie rurale: livre II*. Texte établi, traduit et commenté par C. Guiraud. Paris: Les Belles Lettres, 2003.
- de VASCONCELLOS, P. S. *Efeitos intertextuais na "Eneida" de Virgílio*. São Paulo: Humanitas/ FAPESP, 2001.
- VIRGIL. *Georgics: edited with a commentary by R. A. B. Mynors*. Oxford: Clarendon Press, 2003.
- VOLK, K. *The poetics of Latin didactic: Lucretius, Vergil, Ovid, Manilius*. New York: Oxford University Press, 2002.
- WILKINSON, L. P. *The "Georgics" of Virgil: a critical survey*. Norman: Oklahoma University Press, 1997.